

Realidade Sonhada | André Lichtenberg

*A utopia está lá no horizonte.
Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.
Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.
Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia?
Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.*
Eduardo Galeano

A palavra utopia vem do grego, na justaposição do prefixo de negação (ού) com a palavra lugar (τόπος). De acordo com a etimologia, podemos considerar a utopia como o não-lugar, o lugar que não existe. Porém, se perguntamos ao poema de Galeano para que serve a utopia, ele nos devolve um disparador para o movimento, a caminhada e, em última instância, a fé. Não necessariamente a fé religiosa, mas a crença de que é possível imaginar e habitar mundos outros, com mais comunhão e respeito entre as pessoas e suas culturas. É essa crença na imaginação que dá suporte a André Lichtenberg em Realidade Sonhada, título de sua exposição individual na Galeria Bolsa de Arte, em São Paulo.

Lichtenberg é um artista que acredita no poder do sonho, da caminhada e da utopia. Nascido em Porto Alegre, o artista atualmente vive no Reino Unido. Descendente de família europeia, a migração está no cerne de sua família, que chegou ao Brasil vinda da Alemanha e Áustria. Anos mais tarde, o artista se tornaria ele mesmo um “imigrante moderno” ao decidir fazer o caminho de retorno ao continente europeu. Lichtenberg recorda que seu pai gostava de desenhar paisagens, o que influenciaria o modo como o filho viria a olhar a fotografia. Da mesma maneira, foi o olhar poético do pai para a lua cheia que ensinou o artista a olhar para a noite, a sonhar e valorizar o tempo.

Na série Impossible Utopias, Lichtenberg volta o olhar para o canal inglês que separa Reino Unido e Europa durante o Brexit. Durante as noites de lua cheia, o artista produziu imagens da costa litorânea, alargando o tempo através de longos períodos de exposição da câmera. Tanto em Impossible Utopias quanto na série Full Moon, a noite deixa de ser visível na imagem, mas o tempo se faz presente através do movimento das águas e das estrelas, além da construção de camadas de cor e reflexão que nos colocam em um estado meditativo: o que estas águas nos contam? Qual é o tempo e as histórias apresentadas nessas imagens? Estamos em um tempo das incertezas e do sonho. Lichtenberg reflete sobre as travessias, não apenas as realizadas décadas atrás, mas principalmente as atuais, os movimentos migratórios forçados e as noções violentas de bordas e fronteiras. Ao olhar para o mar, o artista se coloca - e nos coloca - em um estado de nostalgia e meditação.

A nostalgia atravessa seu trabalho. Suas fotografias, construídas a partir da união de várias imagens em uma diversidade de detalhes, contém ao mesmo tempo um caráter científico e sonhador, como na série Personal Topographies. Lichtenberg, que estudou engenharia, fotografia e artes, flerta com o tecnicismo da câmera que o permite operar em grandes dimensões sem perder a qualidade, ao passo em que mantém o caráter poético e subjetivo de seus horizontes e cidades. Em Window Series, o artista fotografa a janela do quarto de seus filhos ao longo de seis anos, mais uma vez investigando a noção de bordas e da fronteira entre sonhos e realidade. A janela, assim como a lente da câmera, é o limite que propõe outras paisagens e possibilidades, ainda que escondidas no cotidiano, no “banal”. Essa suposta banalidade é na verdade carregada de estranheza, convidando o espectador a parar e refletir, com sorte desacelerando de sua própria vida moderna, apressada. A oportunidade de distrair-se dentro das imagens opera como mecanismo de pausa e convite à comunhão não apenas com o artista, mas com um tempo lento, pausado. Tempo das coisas que permanecem, mesmo que ligeiramente diferentes: o nascer do sol, a chegada da lua, a mudança da paisagem durante as estações. Um paraíso que pode existir no ordinário das coisas e no coletivo das pessoas. Uma utopia presente, ainda que inalcançável.

Daniele Queiroz, junho de 2025.